

Kate Pearce

ESCRAVOS DO DESEJO

Tradução
Maria Ponce de Leão

*Quinta Essência**

1

Dover, Janeiro de 1801

—*Sir*, caso se aproxime mais da senhora, ficará dentro do seu vestido em vez de apenas se babar sobre ele. Posso sugerir que se afaste?

O olhar de Helene desviou-se para o cavalheiro de voz suave que estava sentado diante dela na carruagem a abarrotar. Presumiu que se tratava de um cavalheiro. Tinha o rosto encoberto pela aba do chapéu tricórnio, mas o tom de voz arrastado e elegante, apesar do traje um pouco sujo, indicava a sua elevada posição social.

O gordo padre sentado ao lado dela endireitou-se bruscamente e retirou a mão da sua coxa. A face rechonchuda ficou de todas as cores ao mesmo tempo que tentava sentar-se na posição correta.

— Sou um servo de Deus, jovem. Como se atreve a insinuar que estava a fazer algo inconveniente à senhora?

— Não estou a insinuar, *sir*. Estou a constatar um facto. Afaste-se dela ou atiro-o pela janela mais próxima.

Helene estremeceu ao contemplar a paisagem coberta de neve no exterior da carruagem. Nesse dia, ninguém no seu perfeito júizo se atreveria a sair. O padre faria melhor em manter as mãos ávidas em sossego. Sorriu. Se o homem não tivesse interferido, planeava usar o comprido alfinete do chapéu para picar os dedos gordos do padre. Tratava-se de uma arma surpreendentemente eficaz.

Deitou mais um olhar furtivo ao seu inesperado salvador, detetou o esboço de um sorriso e correspondeu com um aceno de cabeça.

– *Merci, monsieur.*

Ele levou o dedo enluvado à aba do chapéu.

– Foi um prazer, *madame.*

O sotaque inglês continha um indício de lugares estrangeiros, de segredos a explorar, de mistérios.

Os outros passageiros da carruagem degradada passaram a segundo plano enquanto Helene se focava no homem à sua frente. Ele sentava-se à vontade, com um dos cotovelos apoiados num dos lados da carruagem oscilante e a outra mão enfiada no bolso do sobretudo.

Ao lado dela, o padre tossicou desagradado, mas conservou as mãos no colo, agarrando ostensivamente um missal usado.

Helene fechou os olhos quando o cansaço se apoderou do seu corpo. Viajava há três dias e ainda tinha de chegar ao seu destino e à perspectiva atraente de um novo futuro. Tocou no medalhão de prata corroído que usava ao pescoço. Imagens da família, de Marguerite e do passado ameaçavam dominá-la. Tinha de singrar em Londres, era a única maneira de dar sentido à sua vida.

A atmosfera no interior da carruagem era abafada e fétida, mas ninguém se queixava. Lá fora, o vento uivava através dos campos estéreis. A chuva açoitava as janelas, sacudindo-os ocasionalmente quando se transformava em granizo.

Helene mexeu os pés frios e embateu contra algo duro. O cavaleiro que estava sentado na sua frente estendera as pernas até os bicos das botas estarem ao nível dos seus bicos dos pés. Observou o cabedal reluzente e interrogou-se sobre onde estava o criado dele, incapaz de acreditar que um cavaleiro tão elegante engraxasse as próprias botas.

Um grito abafado do cocheiro e o soar da trombeta fez com que Helene se endireitasse no assento. Haviam chegado ao destino ou o cocheiro decidira não avançar mais devido às terríveis condições atmosféricas? Cerrou os punhos e sentiu a pressão do cabedal usado contra os nós dos dedos. Desejava atirar o passado para trás das costas e seguir em frente. Mais uma paragem pareceu-lhe repentinamente insuportável.

A carruagem abrandou e em seguida parou. Uma porta escancarou-se e uma lufada de ar fresco cortou a atmosfera abafada. O cocheiro baixou o lenço que lhe tapava a parte inferior do rosto.

– Saiam todos, senhoras e senhores. Precisamos de trocar novamente os cavalos. Têm tempo para beber e comer qualquer coisa antes de prosseguirmos, se é que o faremos.

Helene esperou até que os restantes cinco passageiros saíssem antes de deslizar do banco e apoiar-se na moldura da porta, pronta para descer. Quase soltou um gritinho quando uma mão lhe prendeu o cotovelo.

– Permita-me, *madame*.

Fixou o rosto do jovem que se sentara na sua frente. Tinha uns olhos cor de avelã que quase combinavam com o tom da pele bronzeada. Era na verdade inglês ou natural de um país completamente diferente?

– Obrigada, *monsieur*.

Baixou a cabeça para evitar uma rajada de neve e simultaneamente a intensidade do seu olhar. Por que razão se mostrava tão prestável? O que desejava?

Helene censurou-se pela sua desconfiança de momento. Embora tivesse motivo para saber que a maioria dos homens eram uns safados, não devia julgar um estranho por simplesmente querer ajudá-la.

Ele não lhe largou a mão enquanto se dirigiam à pequena e pitoresca pousada, só o fazendo quando entraram no corredor estreito. Helene afastou-se para ajeitar o capuz da capa e compor o cabelo que estava todo desalinhado.

Tomou consciência de que o companheiro a esperava nas suas costas, aparentemente ignorando os passageiros tagarelas que os rodeavam. Com uma estranha relutância virou-se na sua direção. A única alternativa era voltar atrás pela porta da frente ou contorná-lo e entrar no ruidoso bar.

– Posso ter a ousadia de me apresentar? – perguntou ele com uma vénia, de chapéu na mão. – Chamo-me Philip Ross e sou a ovelha negra e o segundo filho de um baronete menor, mas com a tentadora esperança de vir um dia a alcançar um título real.

Endireitou-se com um sorriso nos lábios como se desejasse que ela soubesse que estava a brincar. Helene presumiu que estaria na casa dos vinte, não muito mais velho que ela. Usava o cabelo castanho-escuro preso na nuca com uma fita preta. Por baixo da capa pesada vestia um casaco simples e grosso, calções pretos e um colete a condizer.

– Sou Madame Helene Delornay – disse, correspondendo à vénia.

O olhar masculino deteve-se no vestido castanho e conservador.

– Delaney, hein? O seu marido é irlandês?

– O meu marido está morto, *monsieur*, e não, não era irlandês. O apelido é Delornay e provém da cidade de Lorne, na província de Livernois.

– Claro, é francesa – retorquiu com um arremedo de sorriso.

– Estive ausente de Inglaterra durante tanto tempo que o meu ouvido para sotaques obviamente desapareceu.

– Não tem importância, *monsieur* – sorriu Helene. Era tão perita em mentiras que elas lhe afloravam facilmente aos lábios. Verificou, surpreendida, que ele franzia a testa.

– Só me resta pedir desculpa pela sua perda, *madame*, e lamentar tê-la feito recordar esse facto.

Helene encolheu os ombros ao mesmo tempo que ele esboçava um aceno de cabeça na direção do bar a abarrotar e lhe oferecia o braço.

– Ele morreu há mais de um ano. Habituei-me a estar sozinha.

Ele fez uma pausa e observou-a.

– Se me permite a ousadia, parece-me demasiado jovem para ter sido casada e enviuvado.

Helene limpou delicadamente o nariz com um lenço bordado.

– Tenho dezoito anos. O meu marido era muito mais velho. Estivemos casados menos de dois anos.

– Mesmo assim, devia ser uma criança.

– Tinha idade suficiente, *monsieur*, para saber exatamente o que estava a fazer – respondeu Helene, erguendo as sobrancelhas.

– Não duvido, *madame* – reagiu ele, sem desviar o rosto e com um desafio cético nos olhos cor de avelã.

Puxou uma cadeira para ela e sentou-se na frente, com as mãos cruzadas sobre a mesa gasta e a cabeça de cabelos escuros inclinada

na sua direção. Apesar do burburinho em torno deles, ela escutava facilmente todas as suas palavras.

– Obrigada por me ter ajudado na carruagem.

Ele olhou por cima do ombro na direção do gordo padre que estava sentado sozinho a um canto, a beber uma caneca de cerveja.

– Aquele homem devia ter vergonha de si próprio.

– Porquê?

– Porque se aproveitou de si.

– Ele agiu simplesmente como a maioria dos homens sempre que veem uma mulher a viajar sozinha – respondeu, fitando o seu rosto corado.

– Está a sugerir que isso já lhe aconteceu antes?

Helene abafou uma risada amarga. Ele era obviamente um inocente que ainda acreditava na honra e no código de um cavalheiro. Para quê desiludi-lo das suas noções idealistas?

– As mulheres que viajam sozinhas, especialmente as viúvas, são consideradas como uma presa fácil.

– Porque são vulneráveis sem um homem? – redarguiu ele, franzindo o sobrolho.

Helene susteve o olhar, demasiado cansada para dar azo à sua ignorância por mais tempo.

– Porque já tiveram um homem e devem querer outro na cama.

– Não tinha pensado nisso – disse ele, pestanejando.

Helene bebeu um gole do café morno que uma apressada criada de mesa lhe colocara na frente.

– Não foi esse o motivo por que decidi defender-me na carruagem? Não espera beneficiar da minha eterna gratidão?

A expressão dele mudou, tornando-se tão gelada como o tempo lá fora. Sob o seu charme, ela vislumbrou a vontade férrea do homem em que se tornaria.

– Acredita que me aproveitaria de si dessa maneira?

– Porque não? – reagiu Helene, erguendo as sobrancelhas.

Ele levantou-se e fez uma vénia.

– Lamento, *madame*. Vou retirar-me da sua presença na eventualidade de perder o controlo e obrigá-la a deitar-se comigo antes de regressarmos à carruagem.

A sua rígida indignação poderia ser divertida, caso Helene não se tivesse sentido tão fatigada ou certa de que ele expressara a verdade.

– Desculpe – pronunciou baixinho.

Contudo, ele já se afastara e prosseguiu, mesmo depois do seu pedido de desculpa. Acabou de beber o café com uma careta ao sentir o gosto terrível e fixou o pensamento em Londres.

Helene hesitou o tempo suficiente à entrada da carruagem para que a porta lhe batesse no traseiro e a empurrasse para diante. O seu solitário companheiro de viagem não fez qualquer tentativa para a ajudar a recuperar o equilíbrio quando a carruagem arrancou. Acomodou-se e aos seus pertences no assento diante de Philip Ross.

Onde estavam todos? Tinham resolvido que era demasiado arriscado prosseguirem viagem para Londres e ficado na pousada?

Tentou sorrir ao seu silencioso companheiro.

– Parece que somos as duas únicas pessoas suficientemente desperadas para viajar sob uma tempestade de neve a fim de chegarmos ao nosso destino.

Ele fitou-a sem qualquer indício de afabilidade.

– Devo responder-lhe?

– Se quiser – disse Helene, franzindo o sobrolho.

– Mas estamos sozinhos – redarguiu ele, olhando em volta.

– Não receia que tente forçá-la ou algo do género?

Helene endireitou-se no banco.

– Mister Ross, já lhe pedi desculpa pelos meus comentários. Estava cansada e talvez um pouco desconfiada.

– Um pouco?

– Talvez possua bons motivos para ser cautelosa, *monsieur*, mas devia ter-lhe dado o benefício da dúvida – retorquiu sem desviar o olhar.

Ele encolheu os ombros.

– Possivelmente está certa. Estive cinco anos ausente de Inglaterra. Esqueci-me de algumas das estranhas noções sobre as mulheres que viajam sozinhas.

Aquele ar de cansaço da vida, apesar da sua visível juventude, fez com que Helene tivesse vontade de rir. Sentiu-se descontraído.

– Também não conheço este país, *monsieur*. É a minha primeira visita.

Ele sorriu e os dentes brancos ressaltaram na pele bronzeada.

– Então, talvez devamos perdoar-nos mutuamente e começar tudo de novo?

Helene correspondeu ao sorriso, grata pelas tréguas, satisfeita por ter conhecido alguém capaz de lhe ser útil.

– Gostava que assim fosse.

O sorriso dele esmoreceu e inclinou-se para a frente com uma expressão intencional.

– E se dentro do espírito de sinceridade e de lealdade lhe dissesse que estava certa ao ter cautela comigo?

– *Monsieur?*

– Que, como a maioria dos homens, a desejo e ficaria encantado caso a sua gratidão se estendesse a passar uma noite na minha cama.

Apesar da sua enorme experiência com o sexo masculino, Helene limitou-se a fixá-lo e humedeceu os lábios.

– Agradecer-lhe-ia a sinceridade e recusaria delicadamente.

Ele inclinou-se para trás e a luz escassa iluminou os traços perfeitos do seu rosto.

– Então, não sente isso? Uma atração entre nós?

– Na verdade, não. A lascívia é por norma um problema masculino, penso.

– *Lascívia* talvez seja uma palavra excessivamente dura – retorquiu ele, pegando-lhe na mão e apertando-a com força. – Prefiro chamar-lhe uma atração instantânea, um desejo de conhecê-la melhor, uma...

– Uma oportunidade para me levar para a cama.

Helene mostrou-se deliberadamente franca, curiosa por ver como ele reagiria ao seu uso grosseiro da linguagem. Iria recuar? Concluiu, surpreendida, que uma parte de si desejava que não o fizesse.

Ele examinou-a, massajando-lhe com o polegar a palma da mão através da sua luva usada.

– É muito direta.

– Tive de ser.

Tentou soltar a mão, mas ele não o permitiu.

– Nesse caso, talvez possa ser igualmente franco. Desejo-a. Quero passar as mãos pelo seu maravilhoso cabelo loiro e ouvi-la gritar de prazer enquanto a penetro bem fundo. – Fez uma pausa para levar a mão dela aos lábios e beijar-lhe os dedos. – Estou a ser demasiado franco?

Helene deu-se conta de que abanava a cabeça. O corpo estremeceu ante as palavras dele e as imagens invadiam-lhe a mente com a limpidez de cristal lapidado. Há quanto tempo não sentia a pele de um homem jovem contra a dela, um homem saudável, um homem que a desejasse?

– Aprecio a franqueza – sussurrou.

Ele puxou-a pelo pulso, arrastou-a naquele estreito espaço para que se sentasse ao seu lado.

– Também eu.

Desapertou-lhe a luva e beijou a pele macia na parte inferior do pulso. Ela estremeceu ao sentir a língua dele a acariciar-lhe a veia. Era a primeira vez que tinha aquela sensação com um homem, aquela sensação de calor ilícito e de emoção, o pensamento de que podia optar por tê-lo se o desejasse, em vez de ser simplesmente possuída, vendida, ou forçada.

Ele tirou-lhe a luva, beijou-lhe os dedos e levou o polegar dela à boca antes de o soltar com um breve estalido.

– Desejo-a, mas jamais aceitaria o que não fosse oferecido de livre vontade.

– Compreendo. – *Mon Dieu!* Aquela voz rouca pertencia-lhe?, pensou, aclarando a garganta. – Então, é uma pena que ambos tenhamos tanta pressa de chegar à cidade.

Ele suspirou com uma expressão subitamente absorta.

– Ah, sim! Londres e o meu futuro. Quase me tinha esquecido.

– Não deseja ir para Londres?

– Não me resta alternativa. O dever para com a minha família assim o exige – respondeu com um encolher de ombros, um gesto tão eloquente como o de qualquer francês. – Percorri todo o caminho de volta da Índia para salvar o nome da família.

– Eu não tenho família.

– Sorte a sua – resmungou ele entre dentes.

Helene cruzou as mãos no regaço.

– Acredite que não é fácil estar sozinha no mundo. Devia sentir-se grato por a sua família se preocupar consigo e o querer de volta.

– Eles não me dão importância. Sou a ovelha negra oficial, a que embarcou além-mar para singrar na vida quando todos os outros falharam. – Ergueu o rosto e devia ter notado a sua expressão surpreendida que lhe provocou uma risada. – É uma tradição em Inglaterra entre as classes superiores.

– Forçar os filhos a cumprir o seu dever?

– Forçar os filhos a obedecer-lhes e a sacrificar tudo em prol do nome da família.

Aquela amargura surpreendeu-a e tocou-lhe na manga, desejosa de mudar de assunto.

– Vou para Londres a fim de começar uma nova vida.

– E eu vou para Londres para viver a do meu irmão.

– Não compreendo.

Ele afastou-se e pousou um dos braços nas costas do banco.

– O meu irmão mais velho morreu e tenho de casar no lugar dele.

– Casar com uma mulher que nunca viu?

– Oh, não. Já a vi. Ela cresceu com a nossa família – respondeu com um sorriso de desagrado. – O meu pai é o tutor dela. Anne possui uma pequena fortuna e acalenta a vaga esperança de um título. O meu pai tem relutância em perder a fortuna dela, dado estar a viver há anos do rendimento das suas propriedades.

– Pobre rapariga!

– Então e eu? – retorquiu Philip, endireitando-se no assento.

Helene observou a sua expressão indignada.

– Na verdade, tenho pena dos dois, mas o senhor ainda pode lamentar-se. Ela não tem alternativa.

– Acho que está certa – concordou, suspirando. – Tenho andado tão ocupado a sentir pena de mim que me esqueci de como ela deve estar triste.

– Ela amava o seu irmão?

– William? Duvido – disse ao mesmo tempo que voltava a sorrir. – Se mostrasse preferência por um de nós, provavelmente era eu.

– Nesse caso, pode satisfazê-la e tornar o seu casamento feliz – redarguiu Helene, dando-lhe uma palmadinha na mão.

– Mas não quero ficar feliz por casar com alguém que já conheço – ripostou ele com uma expressão novamente desanimada. – Quero muito mais – acrescentou sem desviar o olhar. – Quero conhecer alguém num baile, apaixonar-me à primeira vista e ser terrivelmente rejeitado para poder vaguear pela Europa em busca de um novo amor.

– E encontrar uma série de mulheres disponíveis ao longo desse caminho, suponho?

– Talvez isso ajudasse a recompor-me – sorriu Philip.

Helene soltou uma gargalhada e ele juntou-se-lhe com relutância. Ainda não conseguia acreditar que estava a brincar com ele, a namoriscar. No espaço apertado da carruagem, sentia-se mais livre do que alguma vez se sentira. O que teria sido crescer com tanta confiança no futuro? Sonhar com coisas como o amor verdadeiro e a felicidade?

– Porém, não terei nada disso – retorquiu Philip com um sorriso triste. – O meu destino está talhado na pedra e não posso escapar-lhe.

Helene respirou fundo. Talvez não fosse a única cujo caminho não rumasse para a felicidade. Pelo menos, tinha finalmente o futuro nas mãos e podia traçar o seu destino.

– Lamento, *monsieur*.

– Não tanto como eu, acredite – disse ele, apertando-lhe a mão e pigarreando. – E quanto a si? Por que razão se dirige a Londres?

Helene observou-o. O que devia revelar? Ele considerava-a obviamente uma *lady* e ela estava a apreciar demasiado a experiência para lhe destroçar as ilusões.

– Vou reunir-me com os meus curadores para ponderar o meu futuro.

Tratava-se de uma meia-verdade que esperava poder satisfazê-lo.

– Não permita que alguém a force a casar novamente.

– Posso garantir-lhe que isso não acontecerá.

– Bom, aconteça o que acontecer, certifique-se de que não a prejudicarão.

– Parece o meu avô a falar – comentou Helene, lutando para ocultar um sorriso.

Philip inclinou-se mais e roçou-lhe o lábio inferior com a ponta do dedo enluvado.

– Como afirmei, não me sinto especialmente nesse papel no que lhe diz respeito.

Helene engoliu em seco ao mesmo tempo que o seu odor quente e picante lhe enchia as narinas.

– Já concordámos, não é verdade, que os nossos negócios em Londres nos impedem de explorar qualquer das suas fantasias?

– Não me lembro de ter dito isso – contrapôs ele, esfregando o polegar no lábio dela. – Adorava conhecer algumas das suas fantasias, sobretudo se elas me incluírem despido na sua cama.

Ela imaginou-o ali, com toda a ágil elegância e os membros compridos e entrelaçados nos seus e interrogou-se se teria toda a pele bronzeada.

Philip inclinou-se mais e mordiscou-lhe a orelha.

– Aprendi muita coisa na Índia.

– Sobre comércio e negócios?

– Sobre sexo e a maneira como satisfazer uma mulher até que ela grite – disse, roçando-lhe a face com os lábios.

– De dor?

– Não – respondeu com uma gargalhada e a respiração quente junto ao seu ouvido. – Próximo do orgasmo, acho.

Helene afastou a cabeça para que pudesse olhá-lo de frente.

– A maior parte dos homens não tem fama de amantes atenciosos.

– Na Europa, talvez. Contudo, na Índia, é um requisito e estudei bastante para me tornar eficaz.

Apesar de cínico, era quase impossível resistir à sua arrogância. O corpo de Helene estremeceu com a ideia de tê-lo em cima dela, dentro dela, possuindo-a.

Pestanejou e afastou-se. Fugira-lhe a sensatez e abria as pernas ao primeiro homem que denotava interesse? Onde estava toda a sua autoestima recém-descoberta e a promessa de nunca mais depender da vontade de um homem?

Ajeitou o chapéu e deitou um olhar de relance a Philip. Os olhos cor de avelã tinham as pálpebras descaídas e a sua ereção era óbvia apesar da espessura dos calções.